

As contas do Governo

• Esta semana, na primeira reunião do Conselho Fiscal, o Governo terá chance de mostrar se ele será mesmo uma arma na luta pela austeridade, ou apenas mais um conselho do Governo Fernando Henrique. "Nós agora temos os instrumentos, e sem dúvida vamos cortar mais gastos se for necessário", disse o ministro Paulo Paiva. O problema é que o superávit de R\$ 5 bilhões só vai ser atingido porque o dinheiro da Telebrás entrou na conta.

Na semana passada, o Governo apresentou seus cortes de R\$ 4 bilhões para este ano como sendo o máximo que podia fazer. O mercado achou aquela proposta pífia.

Até julho, o Tesouro (excluindo Previdência) tem quase R\$ 4 bilhões de superávit. Nos cálculos de agosto entram R\$ 6 bilhões de superávit por causa do dinheiro da venda da Telebrás. Portanto, o Tesouro tem R\$ 10 bilhões de superávit. Como terá que cobrir os R\$ 7 bilhões de déficit da Previdência e se comprometeu com um superávit no ano de R\$ 5 bilhões, basta que nos últimos meses o Governo economize R\$ 2 bilhões para atingir a meta.

Ocorre que quando foi feito o Orçamento de 98, não se contava com o dinheiro da Telebrás. Está sendo introduzindo nos cálculos receitas extras, que nem estavam previstas no Orçamento. Deste ponto de vista, o esforço fiscal parece mesmo pequeno.

O que é importante é a mudança institucional com a criação da Comissão de Controle e Gestão Fiscal.

— Na próxima semana vamos nos reunir para tomar as primeiras providências — diz o secretário do Tesouro Eduardo Augusto, que não concorda com o que está dito aí em cima e garante que são fortes e dolorosos os cortes nos gastos.

O ministro Paulo Paiva também discorda, porque acha

que está sendo feita uma confusão entre caixa e competência, duas formas de ver os números do déficit. Mas o fato é que quando o Orçamento de 98 foi feito não havia a previsão de que a venda da Telebrás entrasse como receita. Se entrou agora, é porque o esforço fiscal proclamado é menor do que o imaginado.

Paulo Paiva deu uma informação relevante. Disse que o Conselho terá poderes para cortar mais se for necessário.

— Não há a menor dúvida. Se for necessário aumentaremos os cortes. Não estou dizendo que eles serão feitos, só estou dizendo que temos os instrumentos para isto.

O ministro Raul Jungman vê o assunto por outro lado. Ele sabe que os cortes são necessários, mas diz que eles doem muito.

—Tenho que cortar R\$ 200 milhões e meu orçamento é de R\$ 2,3 bilhões, sendo R\$ 1 bilhão de papel.

O país está no pior dos mundos do ponto de vista fiscal: o Governo diz que o ajuste que anunciou esta semana é o máximo, os ministros dizem que eles doem demais, e o mercado acha insuficiente. E pior: por razões da metodologia de cálculo, no momento exato em que o Governo estiver cortando, o déficit público nominal estará subindo. Caminhando perigosamente para 8% do Produto Interno Bruto.

E no entanto se move

• O que está se plantando na economia real neste momento, com juros assim tão asfixiantes, é uma brutal recessão. E isto certamente reduzirá o recolhimento de impostos.

A admirável economia brasileira, que tem suportado tantos golpes, dificilmente ficará de pé agora. Afinal são quatro anos de juros altos e é o segundo choque de juros em menos de um ano. Um país que está com inflação zero não pode suportar tal nível de falta de liquidez e juros lunares.

A economia tem resistido tanto, que tem gente que acha difícil acreditar que ela pare.

— É claro que estas medidas deixaram os donos de supermercados pessimistas. Se houver uma mudança macro, câmbio, volta da inflação, aí sim, a coisa complica. Se for só juros, não. O consumidor muda de produto, procura algo mais barato, mas compra — diz o professor Nelson Barrizelli, consultor de varejo.

Supermercados vendem bens de primeira necessidade, mas outras áreas devem sentir mais. Todavia, a economia se move.

A americana Cargill anunciou que vai investir R\$ 204 milhões para duplicar sua planta

industrial em Uberlândia.

Há demandas que crescem, seja qual for a crise imediata.

Roberto Medeiros, diretor comercial da Motorola, passou parte da tarde de sexta-feira numa *conference call* com os supervisores da matriz para a América Latina.

— Há uma certa perplexidade com o que está acontecendo — reconhece. Mas aqui a demanda é tão reprimida que calculamos um alto retorno de investimento nos próximos cinco anos.

A Motorola está no Brasil há quatro anos. Está concluindo seu plano de investimentos de US\$ 100 milhões. Construiu fábrica de celulares, pagers e dois centros de desenvolvimento tecnológico. A empresa se preparou até para o caso de uma desvalorização.

— Ninguém quer este quadro, claro. Hoje, 85% dos nossos componentes são fabricados aqui. Esta estratégia de nacionalização não deu muito certo na China, mas aqui deu.

Mas isto é o lado resistente da economia brasileira. Até quando ela se manterá em pé apesar das ondas de pânico que se espalham pela economia financeira?